

Ipiranga: Das Margens do Passado ao Leito do Presente

Semana passada estava eu numa roda de amigos, quando conversa vai, conversa vem, alguém começou a falar de histórias de família. Um dos presentes se empolgou e começou a contar histórias dos seus antepassados. Ele afirmava com orgulho que na árvore genealógica da sua família havia vários condes e barões que realizaram grandes feitos. E eu que nem cheguei a conhecer os meus avós paternos, fiquei ouvindo a narrativa do meu amigo com um sentimento ambíguo de admiração e inveja.

A prosa terminou, e cada um tomou seu rumo. Porém, na minha cabeça o assunto continua. E toda vez que me lembro das palavras do meu colega uma sensação inexplicável de vazio me domina. Será que a causa desse suposto “vazio existencial” tem a ver com a falta de informações sobre o passado dos meus familiares?

Hoje por acaso, eu passei em frente ao Museu do Ipiranga. Por alguns instantes fiquei observando a sua fachada suntuosa, e então uma luz se acendeu na escuridão. Desculpe se o que digo parece um exagero, mas sinceramente penso que tive um “momento de iluminação”, acho que é assim que dizem os budistas ou confucionistas. Na verdade eu nunca entendi como realmente gostaria de entender essas filosofias orientais. Mas naquele momento algo acendeu em mim.

Foi um momento de descobrimento. Pensei nos meus antepassados, cuja única informação que tenho é que assim como tantos outros imigrantes, desembarcaram em São Paulo trazendo como única bagagem a esperança de uma vida melhor. E a partir dessa lembrança abriu-se para mim um leque de informações sobre meu passado. Sim, isso mesmo, um leque de informações sobre o meu passado. Sei que essa afirmação soa contraditória, pois eu mencionei anteriormente que tenho apenas uma vaga informação

de que meus antepassados imigrantes vieram para São Paulo em busca de uma vida melhor.

Realmente não tenho registros da árvore genealógica da minha família como tem aquele meu amigo descendente de condes e barões. Porém, se pode saber mais sobre o seu próprio passado por outras vias.

Você dúvida? Tenho vários exemplos. Pois então vamos lá! Sei que no tempo da República Velha onde predominava a “política do café com leite”; que na década de 30 marcada pela instabilidade política que culminou na Revolução de 1930 e na Revolução Constitucionalista de 1932 em São Paulo; que na década de 40 marcada pela 2ª Guerra Mundial, todos os que me antecederam na minha família estavam lá participando ativamente na construção desses fatos históricos trabalhando, lutando por uma vida melhor. Em muitos momentos sofrendo, tendo medo, e sentindo tristeza. Mas sei também que houve tempo para eles amarem, para realizar sonhos, terem momentos de alegria, e que eles venceram as adversidades da vida, porque hoje eu estou aqui.

Acredito que na vida tudo acontece no seu tempo. Pelo menos assim está escrito no Eclesiastes:

“Tudo tem o seu tempo determinado, e há tempo para todo o propósito debaixo do céu.

Há tempo de nascer, e tempo de morrer;

Tempo de plantar, e tempo de colher;

Tempo de matar, e tempo de curar;

Tempo de destruir, e tempo de construir;

Tempo de chorar, e tempo de rir;

Tempo de lamentar, e tempo de dançar;

Tempo de lançar pedras, e tempo de recolher pedras;

Tempo de abraçar, e tempo de se afastar dos abraços;

Tempo de procurar, e tempo de perder;

Tempo de guardar, e tempo de lançar fora;

Tempo de rasgar, e tempo de costurar;

Tempo de calar, e tempo de falar;

Tempo de amar, e tempo de odiar;

Tempo de guerra, e tempo de paz”.

Agora é o meu tempo de descoberta. É tempo do rio da minha vida unir as margens do passado ao leito do presente, porque eu entendi que o Museu do Ipiranga é o trampolim de onde eu posso dar os meus saltos para mergulhar nos fatos históricos do meu Brasil, nas reminiscências da minha São Paulo, e trazer à tona a minha história.